

**A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO PATRIARCADO, NO CONTO O  
DEMÔNIO, QUANDO QUER, FICA BONITO, DE HENRIETTE  
EFFENBERGER**

***THE IDEOLOGICAL CONSTRUCTION OF PATRIARCHY, IN THE  
SHORT STORY O DEMÔNIO, QUANDO QUER, FICA BONITO, BY  
HENRIETTE EFFENBERGER***

Sebastião Bonifácio Júnior<sup>1</sup>(UEL)

Desiree Bueno Tibúrcio<sup>2</sup> (UEL/CAPES)

**RESUMO:** Neste trabalho, será analisado um conto de Henriette Effenberger, a saber: *O demônio, quando quer, fica bonito*. Para tal, algumas perspectivas devem ser levadas em conta: a Análise do Discurso de linha francesa e as teorias feministas. A finalidade é perceber, no texto literário selecionado (e, conseqüentemente, nos discursos por ele produzidos/interpretados), a ideologia da emancipação feminina, a fim de refletir sobre o caminho social percorrido pelo movimento feminista na sociedade. Por outro lado, com o objetivo de destacar a persistência de práticas androcêntricas que atravanquem o desenvolvimento das mulheres enquanto sujeitos, pretende-se abordar as ideologias contrárias à independência feminina, presentes no conto por meio das figuras masculinas, de modo a retratar a predominância das vozes do patriarcado.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Ideologia. Feminismo.

**ABSTRACT:** *In this paper, a short story by Henriette Effenberger will be analyzed, namely that: O demônio, quando quer, fica bonito. For this, some perspectives must be taken into account: Discourse Analysis of the French line and feminist theories. The purpose is to perceive, in the selected literary text (and, consequently, in the speeches produced / interpreted by him), the ideology of female emancipation, in order to reflect on the social path taken by the feminist movement in society. On the other hand, in order to highlight the persistence of androcentric practices that hinder the development of women as subjects, it is intended to address the ideologies contrary to female independence, present in the tale through male figures, in order to portray the predominance of voices of patriarchy.*

**Keywords:** *Discourse analysis. Ideology. Feminism.*

Como forma de demonstrar os problemas da Pós-modernidade, principalmente, no que se diz respeito à opressão vivenciada pelo sexo feminino em uma civilização androcêntrica, o texto literário **O demônio, quando quer, fica bonito**, de Henriette Effenberger, tem muito a oferecer aos estudos acadêmicos relacionados à ideologia da

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: bonifacio.junior@uel.br

<sup>2</sup> Doutoranda e Mestra em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

BONIFÁCIO JÚNIOR, Sebastião; TIBÚRCIO, Desiree Bueno. A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO PATRIARCADO, NO CONTO *O DEMÔNIO, QUANDO QUER, FICA BONITO*, DE HENRIETTE EFFENBERGER.

emancipação feminina, pois nele é representado o confronto entre o feminino e a persistência da sociedade patriarcal.

Assim, no presente trabalho, há a tentativa de demonstrar como a obra em questão representa discursivamente a situação da mulher, tendo em vista que, de acordo com a Análise do Discurso francesa (AD), todos os indivíduos são interpelados como sujeitos pela ideologia de determinado meio social. Na contramão dessa possibilidade, pode-se admitir que as práticas androcêntricas continuem a ocorrer devido a um mecanismo diferente de assujeitamento, que, na atualidade, insiste em transmitir, por meio da palavra, ideias mais reacionárias no sentido de barrar as buscas pela independência feminina.

Assim, consideramos muito relevante o estudo sobre a representação artística a respeito do feminicídio e de suas causas, sobretudo partindo de conceitos veiculados pela AD de linha francesa sobre os quais discorreremos a seguir.

### **Reflexões sobre a Análise do Discurso de linha francesa**

Um fator impossível de ser ignorado pela Análise do Discurso francesa, na perspectiva foucaultiana, é o que se refere às relações de poder, as quais se constituem, historicamente, como origens para o discurso cujo conceito pode ser interpretado “[...] como materialidade que implica em regras específicas para o dizer e para o dizível, e não como expressão de realidades mais essenciais ou originais”, segundo Biroli (2008, p. 122).

As teorias sobre as relações de poder existentes são desenvolvidas, de forma mais detalhada, no livro **Em defesa da sociedade**, cujos conceitos foram retirados do curso, ministrado por Foucault, no Collège de France. Nesse estudo, o autor define as relações de poder em três eixos: *soberano, disciplinar e biopoder*.

Sobre o poder *soberano*, são consideradas como origens as relações despóticas de poder entre os monarcas e seus povos, o que dava aos reis e imperadores o controle sobre a vida e a morte das pessoas, afinal “[...] é porque o soberano pode matar que ele exerce seu direito sobre a vida” (FOUCAULT, 2005, p. 287).

Com a chegada dos séculos XVIII e XIX, surge mais um mecanismo coercitivo o qual não substitui completamente o anterior, porém nos revela outra tendência – o poder

BONIFÁCIO JÚNIOR, Sebastião; TIBÚRCIO, Desiree Bueno. A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO PATRIARCADO, NO CONTO *O DEMÔNIO, QUANDO QUER, FICA BONITO*, DE HENRIETTE EFFENBERGER.

*disciplinar* estudado por Foucault (2005, p. 288), que serve tanto para o controle dos corpos dos operários pelos empregadores, quanto para o jugo exercido pelo patriarcado à mulher.

Depois, houve o surgimento do *biopoder*, baseado não apenas nos corpos individuais, mas no que tange a toda uma população; direcionado, mais especificamente, ao homem como espécie. Em larga escala, o *biopoder* irá definir o que é ser homem e mulher na sociedade e, também, controlar taxas de mortalidade, de natalidade, as expectativas e condições de vida, etc. Basicamente, enquanto o poder *soberano* dava a seus detentores a capacidade de decidir quem poderia/deveria morrer, o *biopoder* representa o oposto, pois se relaciona ao “fazer viver” (FOUCAULT, 2005, p. 294).

No entanto, o exercício desses três eixos de poder estudados por Foucault não seriam possíveis sem se ter em mente as *condições de produção* (CPs) cuja primeira definição empírica foi elaborada por Pêcheux. Em se tratando do discurso, o conceito diz respeito ao lugar que o enunciador atribui a si e ao outro, bem como se vincula à imagem feita dos lugares ocupados pelos interlocutores. Assim, o enunciador pode moldar suas estratégias discursivas com base em uma antevisão que fará das reações alheias. Em síntese, só é possível exercer qualquer relação de poder quando se está ciente do contexto que a autoriza.

Também com base nos pressupostos teóricos de Pêcheux, surge o reconhecimento de que a língua é a condição de possibilidade de um discurso (1990, p. 17), afinal se faz necessária para a materialização discursiva nas mais variadas condições de produção e em momentos históricos diversos. Por outro lado, os processos discursivos são vistos como a origem dos efeitos de sentido no discurso, portanto a língua é o lugar concreto em que se realizam todos os movimentos de propagação ideológica.

Nesse caso, é de suma importância que frisemos a articulação da ideologia com o discurso – relação esta responsável por gerar a *Formação Ideológica* (FI) e a *Formação Discursiva* (FD). A princípio, esses conceitos, cujo Pêcheux é o precursor, têm a ver com o *assujeitamento* do indivíduo visto como ideológico. Brandão (1997, p. 38) exemplifica esse fenômeno com o fato de que cada sujeito “seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos sociais ou classes de uma determinada formação social”. Deixando mais claro, somos acometidos por atravessamentos que nos condicionam a determinada situação e, assim, acatamos certos dizeres, passivamente, e ocupamos os nossos lugares sociais, bem como

BONIFÁCIO JÚNIOR, Sebastião; TIBÚRCIO, Desiree Bueno. A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO PATRIARCADO, NO CONTO *O DEMÔNIO, QUANDO QUER, FICA BONITO*, DE HENRIETTE EFFENBERGER.

diversos outros valores que são disseminados a nós desde a infância. Tal processo faz com que nos tornemos sujeitos, porém assujeitados devido a todas essas relações. Já a *Formação Ideológica* (FI) serve para comportar uma ou inúmeras *Formações Discursivas* (FDs) e isso nos leva a crer que os discursos são capazes de revelar não apenas a nossa opinião sobre determinado assunto, mas também o que já foi dito por diversas outras vozes que ainda reverberam, em geral, de épocas muito distantes a do nosso nascimento.

Na verdade, são as *Formações Discursivas* que nos condicionam a dizer algo elaborado para determinada conjuntura. Funcionam, dessa forma, para articular *língua* e *discurso*. O conceito de FD envolve a noção do *pré-construído*, que se relaciona, indubitavelmente, a uma construção anterior e exterior a nós. É como se surgisse disso um *Sujeito Universal*, o qual representa nada mais, nada menos que a padronização do indivíduo destinado a dizer sempre o já esperado dentro de determinada situação. Assim, todos os indivíduos se assujeitam à medida que se confundem com o *Sujeito Universal* da FD, por intermédio da veiculação de várias linguagens em uma única.

Todavia, é previsto o princípio constitutivo da contradição no seio de toda FD, ou seja, sempre serão emitidos pareceres desfavoráveis à tentativa de homogeneidade discursiva, o que causará embates e, possivelmente, estratégias subversivas cuja intenção primeira seja a de lutar contra os construtos sociais e as relações de dominação.

Além disso, consideramos, para nossas análises, também os pressupostos de Althusser (*apud* BRANDÃO, 1997, p. 21 - 23), responsável por apontar que o fenômeno ideológico é a abstração do concreto. Para tal, segundo a autora, ele elabora três hipóteses:

a) “a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência”: nesse tópico, é admitido que o indivíduo aplique a imaginação na realidade concreta, em um processo mental.

b) “a ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas”: em síntese, esse movimento diz respeito à manifestação ideológica nas ações dos indivíduos. Aqui, admite-se a definição do conteúdo ideológico como um moldador dos atos realizados por nós.

BONIFÁCIO JÚNIOR, Sebastião; TIBÚRCIO, Desiree Bueno. A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO PATRIARCADO, NO CONTO *O DEMÔNIO, QUANDO QUER, FICA BONITO*, DE HENRIETTE EFFENBERGER.

c) “a ideologia interpela indivíduos como sujeitos”: assim, as pessoas saem de suas condições de objeto para tomarem as rédeas de suas próprias vidas.

Desse modo, é impossível falar sobre AD sem mencionar Althusser, que fez essa importante releitura da filosofia marxista, por meio da qual surgiram os conceitos de *Aparelho Repressivo de Estado* (ARE) e *Aparelho Ideológico de Estado* (AIE), sendo que este se refere às instituições (igreja, escola, mídias, culturas, família, partido político, sindicato, etc.) perpetuadoras de ideologias de dominação capitalista, enquanto aquele tem como base o aparato utilizado para a manutenção do poder (polícia, exército, segurança e afins). De certa forma, tudo isso existe com o intuito de calar as vozes dissonantes, sobretudo as que vão de encontro ao *status quo*, como é o caso, por exemplo, das correntes responsáveis por lutar pelos direitos das mulheres – tema de nossas explanações a partir desse ponto.

### **Reflexões teóricas sobre o feminino**

É possível abordar as questões femininas pelos preceitos de Pierre Bourdieu (2002), em **A dominação masculina**. A partir desse conteúdo, percebe-se que a dominação do gênero masculino se dá por meio de instituições (igreja, estado, escola, exército, etc.) que formulam construções sociais quanto ao comportamento das pessoas; dessa forma, pode-se afirmar que os movimentos feministas precisam levar em conta a existência de *Aparelhos Repressivos de Estado* (AREs) e *Aparelhos Ideológicos de Estado* (AIEs) para tomarem medidas combativas ao preconceito de gênero e à segregação social da mulher.

Sobre a dominação do masculino sobre o feminino, esse comportamento acaba sendo naturalizado pela sociedade, inclusive, pelas mulheres que, como dominadas, aceitam tal imposição sem refletir sobre isso devido aos atravessamentos ideológicos ao qual são submetidas desde o nascimento. Levando em conta tal conjuntura, a família (que, na visão de Althusser, seria um AIE), principalmente, exerce o papel de reprodutora do patriarcado, pois, desde cedo, submete os filhos às construções de gênero pré-estabelecidas, sendo que tais preceitos são vinculados à ideia do “ser homem” e do “ser mulher” na sociedade.

BONIFÁCIO JÚNIOR, Sebastião; TIBÚRCIO, Desiree Bueno. A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO PATRIARCADO, NO CONTO *O DEMÔNIO, QUANDO QUER, FICA BONITO*, DE HENRIETTE EFFENBERGER.

A respeito de tais construtos, nota-se, por exemplo, que o corpo feminino é tido como o único fator a ser valorizado na mulher; enquanto, no homem, a valorização se dá em torno de suas capacidades intelectuais. Contudo, em diversos casos, as pessoas dominadas podem criar estratégias de subversão de modo a quebrar esses estereótipos, que, em sua maioria, funcionam como *violência simbólica* da sociedade patriarcal em relação ao sexo feminino. Vale ressaltar, ainda, o seguinte: para que o poder simbólico seja estabelecido, é preciso haver plena aceitação das pessoas dominadas. Tal conceito, elaborado por Bourdieu, refere-se à ideologia que elege pessoas dominantes e dominadas com base nas relações de dominação construídas socialmente.

Esse movimento é representado, no conto **O demônio, quando quer, fica bonito**, de Henriette Effenberger, pois se faz possível depreender um discurso de denúncia das consequências negativas causadas pelo patriarcado (dominante) sobre os corpos femininos (dominados). Ademais, uma das possibilidades de leitura do texto se vincula às reflexões sociais sobre o feminicídio e suas causas associadas a fatores de “controle e posse da mulher, desejo de ter, desejo de não perder, desejo de que as mulheres nada queiram a não ser eles mesmos” (MACHADO, 2006, p. 14). Ao encontro dessa percepção, tivemos como auxílio a pesquisa de Machado (2010, p. 57), que, por meio de depoimentos de homens agressores brasileiros, chega à conclusão de que a violência de gênero dialoga com a defesa da honra masculina. A necessidade de controlar a mulher também faz parte desse tipo de cerceamento à liberdade individual, afinal, “em nome do controle, do poder e dos ciúmes, os atos tendem a ser de violência cotidiana e crônica, física, psíquica. Podem e desencadeiam em morte” (MACHADO, 2010, p. 57). Mas falamos disso, de forma mais aprofundada, na análise do texto literário selecionado para o *corpus* desta pesquisa, afinal a temática é o homicídio como base punitiva para as mulheres.

Faz-se necessário, por ora, saber que o conceito apropriado para se referir ao feminicídio se mostra como *violência de gênero*, pois “é usado para relativizar a questão da passividade feminina, visto que, nos estudos que têm como referência o sistema de justiça, não se aceita mais a mulher como vítima passiva da dominação” (GOMES, 2015, p. 785). E, sendo assim, a morte de mulheres por homens tem uma fundamentação de desprezo pelo corpo feminino; por isso, é possível apontarmos a existência de uma cultura sexista em nossa

BONIFÁCIO JÚNIOR, Sebastião; TIBÚRCIO, Desiree Bueno. A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO PATRIARCADO, NO CONTO *O DEMÔNIO, QUANDO QUER, FICA BONITO*, DE HENRIETTE EFFENBERGER.

sociedade. Em suma, a mulher é punida por se projetar fora do construto da subalternidade feminil – que, por sua vez, revela a faceta patriarcal da civilização.

No entanto, existem formas de resistir ao patriarcado. Uma delas (que, inclusive, será explorada no conto **O demônio, quando quer, fica bonito**) diz respeito ao conceito de *sororidade*, que pode ser explicado da seguinte forma:

A sororidade passa a ser uma “prática feminista”, a qual permite “as mulheres serem coerentes e potencializa a cultura feminista”. A interpelação se dá aqui de modo a “conscientizar” a mulher da posição que ela deve ocupar na sociedade. Além de militante, deve praticar a sororidade. Não é uma luta de uma só mulher, mas sim de todas, unidas pela sororidade (GARCIA; SOUSA, 2015, p. 1003).

Em síntese, esse ideal tem a ver com a conscientização do jugo patriarcal aliada à solidariedade entre as mulheres a fim de romper os convencionalismos sexistas.

### **O demônio, quando quer, fica bonito**

Inicialmente, faz-se necessário um breve esclarecimento acerca do texto a ser analisado: nele, não existe um narrador tradicional; há, apenas, uma personagem que estabelece diálogo com o outro ao contar a história da morte da irmã. Em vista disso, o conto é constituído por falas ao invés de apresentar uma narração mais convencional.

Além do mais, a temática do conto **O demônio, quando quer, fica bonito** marca a realidade de inúmeras mulheres: a *violência de gênero* associada a agressões físicas e ao feminicídio. Sendo assim, a narrativa já se inicia de forma bem impactante para o receptor:

– É minha irmã. Ela morava com ele faz quatro anos. Ele matou ela. Não foi com revólver, não. Esmagou a cabeça dela na parede. Quer ver?  
 – ...  
 – Deu um murro que os dois olhos saltaram e ficou um roxo só. O homem da funerária disse que deu para disfarçar um pouco com a maquiagem, mas ainda está tudo preto. E na cabeça então, atrás tem um buraco que dá pra enfiar o dedo. Depois de bater a cabeça dela na parede ele ainda bateu com ferro da construção. Ele ia enterrar lá mesmo, tinha até feito um buraco, depois resolveu chamar a polícia e falar que ela tinha caído da escada... (EFFENBERGER, 2011, p. 47)

Notamos que, aqui, o feminicídio já é exposto nas primeiras linhas por meio da contadora da história, ou seja, pela irmã da protagonista. A partir disso, de acordo com os preceitos de Pêcheux (1990), vemos que a personagem assume uma imagem de si quando

BONIFÁCIO JÚNIOR, Sebastião; TIBÚRCIO, Desiree Bueno. A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO PATRIARCADO, NO CONTO *O DEMÔNIO, QUANDO QUER, FICA BONITO*, DE HENRIETTE EFFENBERGER.

decide contar algo a determinada interlocutora. Desse modo, de acordo com a visão do autor, o enunciador formula uma imagem de si quando inserido em determinada situação e, levando em conta tal aspecto, vemos que a irmã da vítima assume a forma imagética de narradora para que a história da falecida não seja enterrada junto com ela. Além do mais, não perdendo de vista os pressupostos de Pêcheux, é possível afirmar que essa imagem de si, construída pela irmã e baseada no ato de narrar, mostra-se como uma maneira de se colocar, discursiva e ativamente, diante do outro. Ao longo do texto, ela também montará construções imagéticas de outros indivíduos para estabelecer uma comunicação que, de início, parece não ocorrer em sua plenitude, pelo fato de a recebedora se manter calada, somente aparecendo por meio do travessão seguido de reticências. No entanto, podemos depreender que até essa postura reticente pode servir para captarmos inúmeros efeitos de sentido, incluindo a possibilidade de ela estar tão estupefata com a crueza do relato, que se mostra como alguém incapaz de balbuciar palavras. Ao decorrer de toda a explanação, essa será a única atitude da ouvinte diante dos horrores apresentados pela locutora.

Muito além do desprezo já mencionado pelo corpo feminino como um dos motivos para a ocorrência do feminicídio, é de suma importância abordarmos tais casos como frutos de uma construção social que, simbolicamente, atribui um valor menor ao sexo feminino e “a mulher passa a ser vítima preferencial e crônica da opressão física, moral ou sexual de um homem” (GOMES, 2015, p. 784 - 785).

Sobre a *violência de gênero*, Lia Zanotta Machado (2010), após colher depoimentos de homens agressores de Brasília, chega à conclusão de que, na maioria das vezes, os criminosos agredem suas companheiras para manterem a “honra masculina”, o que nos revela uma perigosa construção de uma masculinidade hegemônica como válvula de escape para tais ocorrências. Em larga escala, esses crimes têm a ver com a imposição do controle masculino sobre o sexo oposto. É como se, de acordo com os postulados de Foucault (2005), fosse empregada uma espécie de *poder disciplinar* sobre as mulheres que não raro se modifica para o *poder soberano*, haja vista que o homem, autorizado pelo construto social da soberania masculina, passa a ter o direito de decidir pela vida (ou morte) da parceira. A pesquisadora, então, percebe que 77% dos homicídios de mulheres são praticados por homens abandonados com quem a vítima manteve relacionamento afetivo. Isso nos leva a tomar o

BONIFÁCIO JÚNIOR, Sebastião; TIBÚRCIO, Desiree Bueno. A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO PATRIARCADO, NO CONTO *O DEMÔNIO, QUANDO QUER, FICA BONITO*, DE HENRIETTE EFFENBERGER.

feminicídio como um evento doméstico que representa o mais alto grau de violência contra a mulher. Não é coincidência que, no conto analisado, a vítima estivesse envolvida, afetivamente, com seu algoz. E o que subjaz a esse texto literário é, sem dúvida alguma, a vida humana e seus acontecimentos.

Outro viés que mereceu ser explorado por esta análise é a própria inércia dos *Aparelhos Repressivos de Estado* (ALTHUSSER, 1970) a respeito dessas atitudes criminosas as quais colocam em risco a integridade física e a existência de várias mulheres, como aponta a narradora da história na fala a seguir:

– A polícia não prendeu ele, não. Levou ela pro IML primeiro. De tarde ele veio aqui no velório, queria enterrar rápido pra família não ficar sabendo direito o que tinha acontecido. Mas eu não deixei. Falei pra ele que o enterro tinha que ser amanhã. Pra gente poder passar a última noite com ela. Ele deve estar rondando por aqui, mas não entra porque sabe que se ele entrar, eu chamo a polícia pra prender ele. Ele é louco por ela (EFFENBERGER, 2011, p. 47).

Como pode ser visto, a polícia, na condição de ARE, não reprimiu o infrator, que permanecia solto, pondo em risco os familiares da vítima ao transitar pelos arredores de onde o corpo estava sendo velado. Inclusive, é impossível não nos lembrarmos de diversos casos de *violência de gênero* em que as vítimas, no momento da denúncia, foram desacreditadas por policiais, delegados e juízes.

Por outro lado, como já dizia Bourdieu (2002), existem situações em que os oprimidos aceitam a condição de dominados – compactuando, indiretamente, para a continuidade dos comportamentos opressores. É o que vemos, de modo bem claro, na imobilidade da personagem quanto às inúmeras agressões aplicadas pelo marido:

– Ele gostava dela. Quando ele riscou os peitos dela com a faca, eu falei pra ela largar dele, que ele não prestava. Ela falou que gostava dele e que ele fazia assim porque gostava dela. Ele é o demônio, dona, e o demônio, como o pai dizia, quando quer, fica bonito. Se o pai tivesse vivo, ela não tinha deixado o marido para morar com esse *cusaruim*. Teve uma vez que ele cortou a barriga dela com a faca, de fora a fora, ela se escondeu no banheiro e ficou segurando para a barrigada não cair, até desmaiar. Foi a vizinha que viu o sangue e chamou o resgate. Costuraram ela.

– ...

– Não prenderam, não, ela não deu queixa. A delegada falou que ela tinha que dar queixa, porque ele ia acabar matando ela. Ela não quis. Ela gostava dele (EFFENBERGER, 2011, p. 47).

É pertinente notarmos, em primeiro lugar, o discurso da irmã, que, mesmo tendo perdido um membro da família pelas mãos do facínora, insiste em ressaltar a possibilidade de

BONIFÁCIO JÚNIOR, Sebastião; TIBÚRCIO, Desiree Bueno. A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO PATRIARCADO, NO CONTO *O DEMÔNIO, QUANDO QUER, FICA BONITO*, DE HENRIETTE EFFENBERGER.

ele ter gostado da vítima. Apesar disso, alertou a parente sobre o fato de que “ele não prestava”, como forma de dissuadi-la do relacionamento abusivo; mas não teve sucesso algum, pois a própria mulher assassinada tentava justificar as atrocidades cometidas pelo homem afirmando que “ele fazia assim porque gostava dela”. Notamos, dessa forma, o acometimento da personagem central por um viés ideológico cuja função primeira é a de autorizar os abusos do sexo masculino em relação ao feminino, de modo a perpetuar a conduta agressiva. Em vista disso, Gomes (2015, p. 785) afirma que “as dependências econômica, física e afetiva se confundem em muitos casos dos conflitos familiares, complicando a situação da vítima que aceita fazer parte do jogo de violência por interesses particulares”. Destarte, vemos que o vínculo estabelecido entre a mártir e seu agressor tem, como base, o afeto sentido por ele – sentimento reafirmado pela narradora ao alegar que a irmã gostava do marido, independentemente da situação de agressividade.

Mais um aspecto sobre o qual valeu a pena nos determos foi a terminologia utilizada pela contadora da história nos momentos em que se refere ao malfeitor: demônio. Assim, a narradora observadora constrói uma imagem (PÊCHEUX, 1990) do antagonista associando-o à figura rotulada como a mais perversa do Cristianismo. Sobretudo, por meio de um atravessamento, ao se apropriar do mote transmitido pelo próprio pai, ela nos revela o caráter dissimulado do vilão que, “quando quer, fica bonito” para enganar as pessoas. Essa descrição produz um efeito de sentido que serve para associá-lo à forma como Lúcifer se configura no discurso bíblico – sendo belo, apesar de representar o mal.

Aproveitando a aparição do pai, passamos, agora, a um patamar mais amplo da análise, por meio da qual é feita a abordagem das consequências negativas que a construção ideológica do patriarcado proporciona aos corpos femininos, como é demonstrado em:

– [...] O pai sim gostava de nós. Ele protegia os filhos. Ai se alguém relasse a mão na gente! Quando a mãe largou o pai, a gente foi com ela porque o juiz mandou. Mas não deu certo. O pai foi buscar. A mãe não queria deixar a gente ir. O pai falava que a mãe era louca. Eu não achava que a mãe era louca. Ela era só triste. Quando o pai levou a gente embora, a mãe ficou mais triste e no dia seguinte se matou. Tomou veneno de rato no café. A polícia queria prender o pai, falaram que ele tinha colocado o veneno no café da mãe porque ela tinha ido na polícia fazer queixa dele. É mentira! Nunca que o pai ia matar a mãe. Só uma vez que o pai bateu na mãe. Foi no dia que ela veio mais cedo do serviço e o pai tava em casa com a minha irmã. [...] – É. Com essa minha irmã que morreu hoje. Então, a mãe ficou com raiva do pai e foi na delegacia falar mal dele. Aí uma moça lá da polícia conversou comigo e com as outras duas minhas irmãs, perguntando o que o pai fazia com a gente. Nunca que

BONIFÁCIO JÚNIOR, Sebastião; TIBÚRCIO, Desiree Bueno. A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO PATRIARCADO, NO CONTO *O DEMÔNIO, QUANDO QUER, FICA BONITO*, DE HENRIETTE EFFENBERGER.

eu ia falar mal do pai. Ele sim gostava de nós e protegia os filhos. A mãe falou que eu tinha de falar a verdade pra moça. Eu fiquei com medo que o pai fosse pra cadeia só porque gostava de nós. Minhas duas irmãs também não contaram nada pra moça. A gente tinha jurado pro pai que não ia falar. [...]  
 – Não prenderam ele, não, graças a Deus! [...]  
 – Quando a mãe morreu eu tinha sete anos, a minha irmã mais velha tinha nove, essa que morreu tinha cinco e meu irmão tinha só quatro.  
 Se o pai tivesse vivo ele não ia deixar o demônio fazer o que fazia com ela. Foi o pai que escolheu o marido pra ela. O meu também foi o pai que escolheu. Gente de confiança dele. O meu marido é bom. Nunca me bateu. (EFFENBERGER, 2011, p. 48).

De início, é perceptível a aura de santidade que a figuração paterna exerce sobre a filha quando ela ressalta o amparo do “chefe da família”. Mas o poderio do pai se revela como um engodo a partir do ponto em que ele se separa da mulher e lhe toma os filhos. Podemos, inclusive, estabelecer uma ponte muito eficaz entre ficção e realidade, ao explorarmos o adjetivo pelo qual o homem chama a sua ex-esposa: “louca”. Na maioria das vezes em que o sexo feminino se projeta fora do esperado pelo universo masculino, as mulheres “rebeldes” são associadas à ideia de loucura. É respaldado nessa assertiva que o patriarca assume a responsabilidade sobre as crianças, levando a genitora delas à morte. Ademais, o desfecho da mãe é abordado de maneira tanto ou quanto ambígua, afinal não se sabe se, realmente, ela se suicidou ou se foi envenenada pelo ex-marido (se adotarmos esse outro efeito de sentido, teremos mais uma ocorrência de feminicídio na história.).

De qualquer forma, a *violência de gênero* se mostra evidente na afirmativa da narradora: “Só uma vez o pai bateu na mãe”. O motivo pelo qual o homem agride a mulher é ainda mais aterrador – devido ao fato de ela ter descoberto o aliciamento sexual exercido pelo ex-cônjuge sobre as meninas. Mais uma vez, notamos uma classe oprimida favorecendo, de modo indireto, o proceder do opressor, pois as garotas “não contaram nada” para a funcionária da polícia acerca da pedofilia praticada pelo indivíduo. O mais inusitado, talvez, seja a falta de consciência demonstrada pela narradora diante do abuso do pai, afinal ela comemora o fato de ele não ter sido preso. O mesmo vale para o festejo promovido em torno de não ser agredida pelo esposo, como se o espancamento da mulher pelo consorte fosse uma condição natural em meio à sociedade. Também percebemos a existência de um jugo patriarcal se considerarmos que era o pai quem “arranjava” os casamentos das filhas. Tal prática nos remonta para épocas mais antigas ao tempo narrativo do conto; porém, como pode

BONIFÁCIO JÚNIOR, Sebastião; TIBÚRCIO, Desiree Bueno. A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO PATRIARCADO, NO CONTO *O DEMÔNIO, QUANDO QUER, FICA BONITO*, DE HENRIETTE EFFENBERGER.

ser percebido, ainda existem vozes que fazem esses costumes reverberarem em determinados nichos sociais, sobretudo no que se refere a pessoas com baixa instrução escolar.

Podemos inferir que, em termos althusserianos, temos o *Aparelho Ideológico de Estado* (AIE) familiar agindo como forma de opressão às filhas, que, ao serem abusadas sexualmente pelo pai, sequer cogitam a hipótese de denunciá-lo, pois devem obediência ao patriarca, portando-se como submissas a ele devido a essa construção ideológica patriarcal.

Trazendo tudo isso para o campo das *Formações Discursivas* (FDs) e das *Formações Ideológicas* (FIs) que, de acordo com Pêcheux (1990), moldam o *Sujeito Universal* por intermédio de inúmeros atravessamentos, é possível visualizar uma FD baseada no construto da soberania patriarcal. Em síntese, toda a sorte de absurdos é permitida ao patriarca por ser ele uma entidade construída, social e historicamente, para direcionar os caminhos familiares. Portanto, na esfera do texto literário examinado, é concedido ao pai os direitos de levar as crianças para longe da mãe – sendo que esta pode, inclusive, ser agredida por ele; de abusar sexualmente das filhas; e de casá-las, apenas, com quem seja de sua vontade. Noutras palavras, tudo é admitido para aquele que, no seio familiar, exerce o nível mais alto das relações de dominação. Essa FD, responsável por estabelecer o patriarcado, soma-se a outras de ordens igualmente sexistas para que, enfim, todas integrem uma FI contrária à emancipação da mulher na sociedade. Já os indivíduos (homens e mulheres) que reforçam esses discursos assumem, de modo assujeitado, a categoria de *Sujeito Universal* – é o que ocorre com o pai e com as filhas caracterizadas por acobertá-lo; assim como acontece com o marido assassino e com a vítima, pois ela fortaleceu a impunidade do criminoso.

Por fim, faz-se necessário tratar de um assunto muito caro à ideologia feminista: o ideal de *sororidade*, identificado como o auxílio prestado de uma mulher para outra quando esta se torna vítima da opressão de gênero, conforme a explicação:

A sororidade, pela definição, é uma experiência subjetiva pela qual as mulheres devem passar com a finalidade de eliminarem todas as formas de opressão entre elas. É, além disso, conscientizar as mulheres sobre a misoginia. É um “esforço pessoal e coletivo de destruir a mentalidade e a cultura misógina, enquanto transforma as relações de solidariedade entre as mulheres” (GARCIA; SOUSA, 2015, p. 1003).

BONIFÁCIO JÚNIOR, Sebastião; TIBÚRCIO, Desiree Bueno. A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO PATRIARCADO, NO CONTO *O DEMÔNIO, QUANDO QUER, FICA BONITO*, DE HENRIETTE EFFENBERGER.

Em **O demônio, quando quer, fica bonito**, a principal representante do conceito é a narradora, que, apesar de robustecer estereótipos machistas, exerce o papel de conselheira da protagonista, sempre a estimulando a denunciar os abusos do marido:

– Pode ser que ela tinha medo, porque ele dizia que matava se ela fosse embora. Eu falava pra ela ir na Delegacia da Mulher que iam proteger ela. Ela só foi na delegacia quando ele jogou ela debaixo de uma moto que ia passando e o motoqueiro contou pra polícia. Lá no hospital eu disse pra ela que ela precisava dar queixa, que ele ia matar ela. Eu fui com ela e a delegada chamou ele lá, prendeu ele quinze dias. Depois soltou. Ela disse que não ia querer mais ele, mas a senhora sabe, dona, o demônio quando quer, fica bonito (EFFENBERGER, 2011, p. 49).

Com o intermédio da apropriação do discurso, ao contar a história da morte da irmã para outra pessoa, a locutora carrega a função de emissora da verdade, pois o homicida poderia distorcer os fatos. É por meio dessas duas formas de resistência ao patriarcado – tentando auxiliar sua igual e se apropriando do narrar – que a enunciadora se dedica a uma prática subversiva às relações de dominação homem/mulher. Demonstra sua *sororidade*, inclusivamente, após a morte de sua congênera, por temer que o indivíduo fosse até o cemitério para profaná-la: “Eu vou ficar pra proteger ela” (EFFENBERGER, 2011, p. 49).

Embora possamos notar a capacidade de subversão feminina, a perspectiva transmitida pelo final do conto é bastante lúgubre. O saldo se faz negativo ao considerarmos uma personagem morta, uma irmã desolada e um criminoso à solta devido à construção ideológica do patriarcado, que faz dele um ser praticamente imbatível.

### **Considerações finais**

A princípio, é válido dissertarmos sobre os discursos a respeito da emancipação feminina que atravessam a malha social, de modo a entender as representações literárias aliadas à intencionalidade discursiva de expor e denunciar os abusos que, diariamente, são praticados contra as mulheres. Não obstante, muitos dos textos que revelam o empoderamento feminino e a denúncia de mecanismos opressivos contra a mulher são realizados por escritoras, com o intuito de representar, de forma crítica, as vivências do próprio gênero sexual.

Como já vimos, se temos, de um lado, essa perspectiva ideológica que persegue os ideais da emancipação feminina, existem, também, em outro âmbito, os fios discursivos

BONIFÁCIO JÚNIOR, Sebastião; TIBÚRCIO, Desiree Bueno. A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO PATRIARCADO, NO CONTO *O DEMÔNIO, QUANDO QUER, FICA BONITO*, DE HENRIETTE EFFENBERGER.

dissonantes, que aderem a *Formações Discursivas* próprias do androcentrismo. O aglomerado de FDs dessa espécie acabam gerando *Formações Ideológicas* (PÊCHEUX, 1990) de caráter misógino, responsáveis pela manutenção do desnivelamento social entre os gêneros sexuais. Por isso, é de suma relevância a atitude das artistas que, por meio de suas obras, assumem um posicionamento de sujeito capaz de gerar mudança, no meio social, com auxílio da conscientização sobre os mecanismos opressivos.

Por meio de tais discursos, amplamente disseminados nas artes, percebemos a ideologia da emancipação feminina se proliferando na sociedade, a partir do ponto em que desconstrói padrões consolidados pelo assujeitamento inerente às vozes discursivas responsáveis por legitimar a inferiorização da mulher.

De certa forma, ao nos depararmos com esses conteúdos ideológicos que nos permitem enxergar o mundo pela visão do Outro, surge a possibilidade de nos tornarmos empáticos às vivências dos indivíduos que, por um motivo ou outro, foram colocados à margem do construto de comunidade.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Presença, 1970.
- BIROLI, Flávia. História, discurso e poder em Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. Enunciação e construção do sentido. In: FIGARO, Roseli. (Org.) **Comunicação e Análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.
- EFFENBERGER, Henriette. O demônio, quando quer, fica bonito. In: **Concurso Nacional de Contos - Miguel Sanches Neto**. 1ª ed. Ponta Grossa: Prefeitura Municipal, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- GARCIA, Dantielli Assumpção; SOUSA, Lucília Maria Abrahão. A sororidade no ciberespaço: laços feministas em militância. **Estudos Linguísticos**, v. 44, n. 3, p. 991-1008, 2015.

BONIFÁCIO JÚNIOR, Sebastião; TIBÚRCIO, Desiree Bueno. A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO PATRIARCADO, NO CONTO *O DEMÔNIO, QUANDO QUER, FICA BONITO*, DE HENRIETTE EFFENBERGER.

GOMES, Carlos Magno. O femicídio na ficção de autoria feminina brasileira. **Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 781-794, 2015.

MACHADO, Lia Zanotta. Violência doméstica contra as mulheres no Brasil: avanços e desafios ao seu combate. In: BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Cartilha Violência Doméstica: Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica**. Brasília: Fórum Nacional de Educação em Direitos Humanos, 2006.

\_\_\_\_\_. **Feminismo em movimento**. 2. ed. São Paulo: Francis, 2010.

PÊCHEUX, Michel et al. Análise automática do discurso. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**, v. 2, p. 61-151, 1990.

Recebido em 22/02/2020

Aprovado em 29/04/2020